

A CAPITAL VAI MAIS LONGE

## A IGREJA NO MUNDO

# POVO ENÃO MASSA

**R**OMA — Realizou-se nesta cidade, no passado mês de Fevereiro, um congresso diocesano no qual tomaram parte cerca de 4000 cristãos, leigos e padres. O tema — «A responsabilidade dos cristãos face aos atentados contra a caridade e a justiça» — ajudou a um diagnóstico dos problemas gritantes de uma cidade que viu, nos últimos tempos, a sua população aumentar a um ritmo vertiginoso.

As sessões, que tiveram lugar em nove locais diferentes da cidade, suscitaram franco e aberto diálogo que, espera-se, levará à passagem de uma atitude egoísta e indiferente a uma consciência comunitária. Ao evocar o congresso, na sua alocução de 17 de Fevereiro, Paulo VI referiu-se à «penosa coexistência de uma massa que ainda não se tornou um povo».

Uma participante do congresso, religiosa que ali representava nada menos do que 189 institutos religiosos, comprometeu-se a fazer um esforço efectivo para que as ordens religiosas partilhem com os mais pobres os seus bens.

## COMUNIDADES DESINSTALADAS

**I**NGLATERRA — Em resposta ao apelo da Conferência Episcopal de Inglaterra e do País de Gales em Outubro de 1972, dirigido sobretudo a órgãos e congregações religiosas detentoras de grandes propriedades e edifícios devolutos e com vista a ajudar os que vivem em situações habitacionais degradantes, constituiu-se em Inglaterra a Sociedade Católica de Ajuda aos Sem-Lar (Catholic Housing Aid Society).

Muitas dioceses católicas e comunidades religiosas puseram já à disposição da recém-criada associação os seus terrenos e edifícios, alguns dos quais excelentemente situados.

## A DIFÍCIL RECONCILIAÇÃO

**F**RANÇA — Vivem actualmente neste país cerca de três milhões e setecentos mil emigrantes. Levam, na maior parte dos casos, uma vida dura, pelas tarefas que realizam, pelas condições precárias de alojamento e alimentação a que têm de sujeitar-se, pelas discriminações de que são vítimas, pelo desenraizamento social e cultural.

Como trabalhadores estrangeiros, são explorados de mil maneiras. Esse o aspecto para que a Comissão Episcopal das Migrações quer chamar a atenção dos cristãos de França, nesta Quaresma de 1974, tempo de reconciliação.

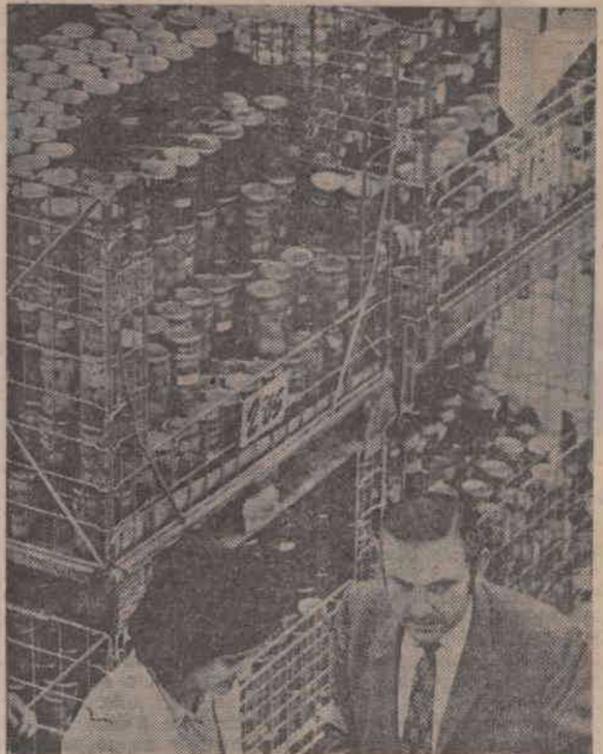
«Eles são um desafio a uma abertura universal, levando-nos a ultrapassar a barreira dos nossos egoísmos individuais e colectivos.» E, mais adiante: «Que a presença entre nós dos imigrantes nos ajude a ser, com todos os outros, militantes da libertação do homem todo e de todos os homens.»

## PASTORAL DE DEFICIENTES E INADAPTADOS

**R**OMA — Reuniram-se nesta cidade, de 1 a 5 de Outubro de 1973, 118 especialistas da pastoral dos deficientes e inadaptados, a fim de elaborarem as grandes linhas em que deve assentar tal pastoral.

A reunião, promovida pelas Comissões Médico-Pedagógica e Psico-Social do B. I. C. E. — Bureau International Catholique de l'Enfance — foi precedida de aturados estudos e sessões de trabalho a plano diocesano, regional, nacional e internacional e contou com a colaboração de médicos, psicólogos, psicoterapeutas, educadores especializados, juristas, sociólogos, teólogos, animadores do pastoral especializada, pais, etc., provenientes de 23 países dos 5 continentes.

Da reunião saíram orientações de fundo e recomendações relativas ao trabalho com os jovens deficientes e/ou inadaptados, à sua integração na família, na vida profissional e nas estruturas religiosas e sociopolíticas.



# O PÃO QUE NOS SOBRA

*«O pão que vos sobrou foi o pão do que teve fome; o fato que ficou pendurado no vosso guarda-fato foi o fato do que andou nu; os sapatos arrumados na vossa casa são os do pobre que andou descalço; o dinheiro que arrecadaste foi o dinheiro do pobre; — são tantas as injustiças que cometeis quantas as dádivas que poderíeis ter feito e não fizestes.»*

**N**ÃO, não se trata de propaganda de um qualquer partido político a dizer-nos como devemos organizar a sociedade. Trata-se de velhas palavras de milénio a ser pronunciadas no 100-20 IV por São Basílio, o grande organizador do monasticismo grego. Mas essas palavras tornaram-se novas durante as semanas que estão a decorrer pelo uso que delas fez o Papa Paulo VI ao dar para a Quaresma de 1974 este tema de reflexão aos cristãos de todo o mundo.

E porque se tornaram novas merecem que sobre elas se detenha o nosso olhar e — quem sabe? — também o nosso coração.

É fácil para o cristão — como para a maioria dos homens — pensar que a fome será vencida, o despojamento dos bens mínimos ultrapassado, a penúria de rendimentos eliminada, se mudarem as estruturas que possibilitam os ricos serem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

E tal como os outros homens, também os cristãos têm de encontrar maneiras concretas e práticas de, em

qualquer país, e seja qual for o regime político, garantirem que sejam satisfeitas as necessidades fundamentais de todos os homens — o pão, a casa, a segurança da doença e na velhice, a educação, o trabalho, o lazer. Só assim se pode falar em desenvolvimento que como escreveu Paulo VI na Encíclica «Populorum Progressio», em 1967, só o pode ser se for «de todo o homem e de todos os homens».

Mas tem o cristão de saber que não há estruturas que vençam a ganância do homem... E que, ao tentar melhorar as instituições, tem de fazer um esforço ainda mais gigantesco para «melhorar» o seu próprio coração... A primeira «instituição» da sociedade é cada-homem-e-o-seu-mundo — que pão partilha? Que fatos distribui? Que sapatos dispensa? Que dinheiro restitui aos outros homens?

Aí começa toda a justiça. O resto virá por acréscimo, como exigência colectiva das consciências renovadas de todos os homens.

# PARA ALÉM DAS CONVENIÊNCIAS



**A**QUELA história do chamado «filho pródigo» — o rapaz que deixa a casa paterna para ir experimentar a sua liberdade em terras desconhecidas — é uma história que sempre me fez pensar. Lembro-me de, ainda criança,

me deixar enternecer ao ouvir contar que ele acabara em tal miséria que chegara a invejar a ração dos porcos que lhe cabia guardar. Lembro-me de, já mais crescido, imaginar a emoção e o quase pânico que ele teria experimentado ao regressar à casa onde partira feliz... E lembro-me de, ainda mais tarde, passar a simpatizar com o irmão mais velho, na sua indignação por ver o pai receber com grande gala um filho que esbanjara na má vida toda a herança que dele tinha recebido.

Ao ouvir, no domingo passado, proclamar do púlpito esta mesma história, não pude deixar de voltar a debater-me sobre a razão e a não razão destas personagens. Só que agora, o que me interessa nelas já não é propriamente a história. É o que delas reconhecemos em mim e nas pessoas com quem vivo e convivo cada dia. E não há dúvida que as descubro carregadas de um peso de verdade e de realismo que há anos atrás estava longe de vislumbrar!

Olho o «filho pródigo» e dou comigo a pensar que na vida é às vezes melhor ser-se «pródigo» do que «bem comportado», se esse for o cami-

nho necessário para chegarmos a esbarrar com a verdade dos nossos limites e a sermos capazes de desejar o perdão e a reconciliação. Penso no «irmão mais velho» e logo me vêm à ideia os muitos «irmãos mais velhos» de que a nossa sociedade está cheia: os que acham que têm sempre razão, os que fazem sempre tudo bem e por isso reclamam todas as recompensas; os que cumprem com rigor a lei mas são incapazes de alegria e celebração. Se é no pai que me detenho, fico a meditar no que é, afinal, um amor não possessivo, um amor que arrisca respeitar até ao fim a jovem liberdade de um filho.

Sim, porque à luz do mais elementar bom senso, aquele pai foi imprudente em deixar partir assim o filho, sem saber com quem nem para onde. E mais: tem agora algum jeito que um pai assim passe por cima de todas as normas e mande matar «o vitelo mais gordo» para acolher um filho que andou não se sabe por onde, a dar escândalo público, a «manchar» a honra e o nome da família? Um silêncio tolerante, quando muito um gesto benevolente a quebrar o gelo dos primeiros momentos, se-

ria já atitude considerada francamente liberal pela nossa sociedade. Para quê todo aquele aparato?

O que não deixa dúvidas é que a moral da história contada por Jesus tem muito pouco a ver com os critérios de bom senso — e mesmo de decência — que a nossa sociedade considera justos e razoáveis. Aquele pai não é dos que ficam a medir e a calcular o que os outros — inclusive o seu filho mais velho — vão pensar. É um pai diferente. Um pai que ousa pisar o risco das conveniências. Um pai que vê para além da justiça. Um pai que sabe abrir o coração e os braços à misericórdia.

Ora tudo o que nos diz o Evangelho de Jesus é que Deus é um pai assim.

Que longe está esta imagem de todas as que a rigidez e o puritanismo de uma moral burguesa ao longo dos séculos fabricaram! Diante dela, não será de admitir que também nós, um dia, venhamos a converter-nos em «filhos pródigo» do Evangelho? Eu, por mim, saí da missa do último domingo com esse desejo a querer despontar.

TERESA DÓRIA